





VALQUÍRIA VITA

# NELSON BELLENZIER



Autor: Valquiria Vita  
Título do livro: Legado: Nelson Bellenzier  
Fotos: Arquivo pessoal da família  
Diagramação: Fabiane Reginato  
Capa: Julio Soares e AdriSilva Conteúdo  
Ano: 2021  
Editora: Legado Histórias de Vida  
Caxias do Sul, RS  
1ª edição  
[www.historiasdevida.com.br](http://www.historiasdevida.com.br)



**A**lguns acontecimentos das nossas vidas são tão fortes que têm o poder de nos mudar para sempre. Para Nelson Bellenzier, um acidente, em 7 de agosto de 1999, mudou tudo.

Ele e quatro colegas da Agrimar Rizzi voltavam de uma convenção em Florianópolis na tarde de sábado, em um Gol vermelho. Nelson devia ter voltado de ônibus com o restante da empresa, mas aceitou a carona de um deles. Já estavam em São Marcos, eram quatro da tarde e faltava pouco para chegar em casa, ver a mulher, Ilete, e os filhos, Mauro e Marcos.

Enquanto Nelson descansava, um ônibus, que vinha na direção contrária, ultrapassou um caminhão e acertou em cheio o Gol onde estavam os quatro. O carro ficou tão destruído que levou quase uma hora para que eles fossem retirados de lá, com ajuda de bombeiros e pessoas que pararam para prestar socorro ao ver o acidente. Sérgio Boeira e Edson Matsuda morreram naquele dia. Os dois tinham 34 anos de idade.

Nelson, na época com 52, sobreviveu, mas com ferimentos graves, e foi encaminhado à UTI. Assim como Ironi Nardi, 54, que também foi levado ao hospital. Anos mais tarde, Ironi faleceu em decorrência do acidente.

Nelson não falava muito sobre isso, mas o fato de ter sido o único sobrevivente de um grave acidente deve

ter sido motivo de muitas reflexões ao longo dos anos. Há coisas que simplesmente ficam sem explicação. Por que apenas ele, dos quatro, ganhou ali uma segunda chance, um segundo aniversário?

Provavelmente, não era ainda a sua hora. Nos 21 anos de vida que ainda teria pela frente, havia muito a ser feito. E foi.

A trajetória de Nelson, antes e depois desse dia (do qual ele nunca reclamou, mesmo após as sequelas, especialmente na visão) deixou marcas positivas em muitas pessoas. Algumas delas fazem parte deste livro. Na primeira metade, contando a história de vida de Nelson, de 1947 a 2020. Na segunda metade, relatando o quanto ele impactou aqueles com quem teve contato. Nelson era um entusiasta do ramo de sementes. Estudava e se dedicava muito ao assunto. E sementes, realmente, é algo que ele plantou muito ao longo da vida. Não literalmente, mas sim em cada pessoa que conviveu na parte pessoal e profissional.

Os frutos de todas essas sementes, tantas que talvez Nelson nem soubesse disso, são os belos relatos eternizados aqui. Que Nelson possa, de onde estiver, receber essas homenagens da família e amigos com aquele “sorrisinho” que lhe era peculiar.

## ***O início, em Lagoa Vermelha***

Nelson nasceu no inverno, em 1 de julho de 1947, em Fagundes Varela. Era o quarto filho do casal Avelino Bellenzier e Elma Lazzari Bellenzier.

Avelino era descendente de italianos: o pai dele, Angelo, veio de Alleghe, província de Belluno, na Itália, quando criança. "Todos os Bellenzier são de descendência italiana", conta o irmão mais novo, Paulo, que pesquisou toda a história da família.

Desde muito pequeno, percebeu-se que a visão de Nelson tinha algo de errado. Ele sofria com uma lesão no nervo ótico que não tinha (e nunca chegou a ter) tratamento. E por causa disso, nunca enxergou bem. Usou óculos desde muito cedo, o que ajudava a amenizar o problema.

Mas a leve deficiência visual o impediu de fazer muitas coisas. E isso pode ter sido o que alterou o seu futuro, já que Nelson, por causa da visão, não trabalhou no campo, como os outros irmãos. Foi enviado ao Colégio Agrícola de Osório. E lá teve os primeiros contatos com o estudo das sementes, área que se tornou sua paixão. Tudo acontece por uma razão, até mesmo as dificuldades.

O primeiro a identificar algo estranho na visão de Nelson foi o avô, Paulo Lazzari, que havia ido visitar os netos na colônia, conforme conta a irmã de Nelson, Salete. Paulo percebeu que o menino, na época, apenas um bebê de 9 meses de idade, estava com os olhos trêmulos, e avisou os pais da criança.



Na infância, o pai, Avelino, chegou a levar Nelson a Porto Alegre (em uma época de viagens longas e estradas de chão até a Capital), para que outros médicos pudessem examinar o filho. Para Salete, isso ficou marcado até hoje: os esforços dos pais com a saúde do filho. Incluindo as injeções que eles precisavam aplicar em Nelson. Bem pequeno, com cerca de 4 anos de idade, conta ela, ele fugia pela casa por medo de tomar as injeções. "Era a mãe que aplicava. Quando era hora de fazer a injeção, ele corria. E nós tínhamos que correr atrás dele! Essas injeções não tinham nada a ver com o problema de visão, mas sim, porque os médicos achavam ele magrinho e fraquinho, então este era um dos tratamentos", conta o irmão mais velho, Antonio. Nelson seguiu sendo magrinho por muito tempo, mas virou um magrinho saudável, conseguindo se livrar do um tanto traumático tratamento.

Quando ele ainda era pequeno, a família se mudou para o interior de Lagoa Vermelha. Eram sete filhos. Em ordem: Bianco, Claudir, Antonio, Nelson, Salete, Genilda e Paulo. Sorte que a casa de madeira, para tanta gente, era bem grande.

Mesmo assim, os filhos tinham apenas dois quartos: um para os meninos e um para as meninas, cada um de um lado da casa. "Era o tempo de colchão com palha de milho!", conta o irmão, Antonio. "A casa era enorme, de uns 300 metros quadrados, mas não tinha conforto nenhum. Banheiro, por exemplo, não tinha. Só lá fora. Não tinha água quente. Só lavávamos os pés numa gamela de

madeira antes de dormir. Banho, nós tomávamos no rio. Passava um riacho atrás da propriedade, então nós, os guris, nos banhávamos lá, todos juntos. E só nos sábados! Mais tarde, meu pai construiu um banheiro de madeira e colocou um chuveiro de balde, e a gente aquecia a água no fogão para encher aquele balde."

Os Bellenzier eram uma família muito simples, mas mesmo assim, eram a única família das redondezas que tinha luz, movida à água que vinha de um valo que eles mesmo construíram. Não existia televisão, mas a casa tinha um radinho que todos escutavam, quando as atividades de lazer eram empalhar cadeira, fazer tricô e crochê.

Talvez tenha sido ainda aí que nasceu a paixão de Nelson pelo rádio, que o acompanhou até seus últimos dias. Como não enxergava tão bem para ler muito, ouvir rádio o informou a vida toda sobre tudo o que ele precisava saber.

Diferente de hoje, as crianças não tinham muito tempo de lazer. Especialmente na colônia, todas trabalhavam. Até mesmo Nelson, que não enxergava bem, ganhava alguns serviços para fazer. "A mãe não podia ver ninguém sem fazer nada, ela que mandava em tudo. Era faca na bota," conta Antonio.

O pai ocupava-se na forja e serraria. Além disso, a casa era cercada de animais, que demandavam também bastante trabalho: cachorros, gatos, galinhas, porcos, vacas, bois, cavalos e ovelhas. E as crianças ajudavam

com tudo. A mãe, Elma, trabalhava nas plantações e pomares que sustentavam a casa e cuidava do gado. E uma tia das crianças, chamada Marina (ganhou esse nome pois nasceu no trajeto marítimo entre Itália e Brasil), se encarregava da casa e da cozinha. “O pai era bem tranquilo, muito trabalhador, tipo o Nelson. A mãe, que também era trabalhadora, era mais agitada, ‘sargentona’, rígida e ansiosa,” conta Salete. “Com a tia Marina, a gente aprendeu a falar italiano,” lembra Paulo.

As crianças, que eram supervisionadas em casa por Marina, iam a pé para o colégio da colônia, que era a casa de uma professora que dava aula para todas as idades em uma mesma sala. Eles caminhavam cerca de três quilômetros todos os dias, faça chuva, faça sol, faça geada. “Nós morávamos no mato mesmo”, diz Antonio. Não tinha muito conforto, segundo ele. Mas ninguém reclamava. “O pai tinha um jipe que só cabiam quatro pessoas, mas a gente colocava oito dentro. Iamos para a missa e visitávamos os parentes na região assim,” lembra Paulo.

Nelson era uma criança calma (e viraria um adulto muito calmo depois). Dava-se bem com todos os irmãos, apaziguava qualquer briga, cuidava dos mais novos. “Ele era muito tranquilo, não era nada rebelde, sempre foi na dele, não brigava com ninguém,” diz Salete. “Nossos pais nos ensinaram a sempre seguir o certo, nunca fazer nada de errado, e a seguir sempre o caminho da honestidade.” Como era o único naquele tempo que usava óculos,

ainda mais no interior, Nelson sofria com piadinhas das outras crianças, segundo o irmão, Antonio: "Ele foi o único da família que precisou usar óculos e passou por bullying na nossa comunidade. Mas coisa normal daquela época." As professoras sempre fazem diferença na vida dos alunos. Mas no caso de Nelson, houve uma que fez muito! Apesar de todos saberem que o menino não enxergava bem, foi a professora Maria Vargas (madrinha do irmão, Paulo) que achou uma solução. Como ela sabia que a visão dificultaria que ele trabalhasse no campo com os pais (atividade comum para todos os outros alunos), ela sugeriu para Avelino e Elma que o encaminhassem a uma escola agrícola, em Osório. "E essa formação agrícola mudou tudo para o Nelson. Foi isso que levou ele até onde ele foi", relembra Paulo.

Nelson despediu-se da família aos 14 anos de idade e foi morar no internato da escola, a 400 quilômetros de casa. O impacto, pelo menos visivelmente, foi maior na mãe, muito apegada aos filhos. Ele voltava para casa nas férias, para visitar a família na colônia. Apenas o pai foi visitar a escola uma vez. O trajeto até lá era muito difícil, nem asfalto existia, e a viagem era muito longa.

Formou-se na Escola Agrícola de Osório aos 17 anos e mudou-se para Caxias, onde os pais e irmãos estavam morando há algum tempo (mudaram-se na década de 60). Avelino e Elma haviam aberto um armazém no bairro de Lourdes, próximo à BR-116, que naquele tempo, chamavam de "Federal".

Nelson, depois da Escola Agrícola, virou professor em São Virgílio, interior de Caxias. Era daqueles professores que davam aula de todas as matérias. “Ele tinha um curso médio, mas naquela época, era como superior,” explica Paulo. Ele também fez curso de Técnico em Contabilidade no Carmo.

Lecionou por cerca de dois anos e seguiu morando com os pais, a quem ajudava no armazém. Sua personalidade, mesmo após anos fora de casa, continuava a mesma: calmo e reservado. O jovem Nelson não era chegado a festas, nem sabe-se de namoradas que possam ter existido.

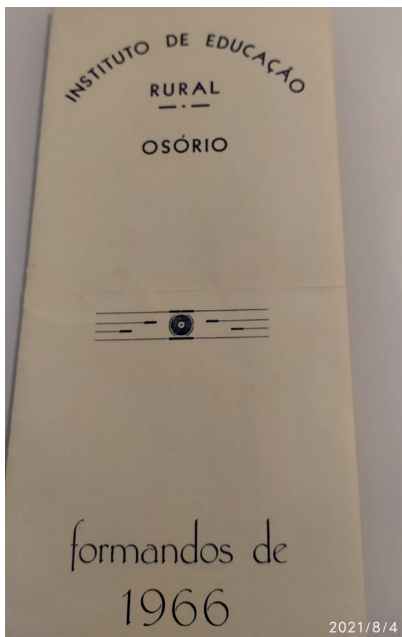
A sua eterna namorada estava prestes a aparecer nessa história.



Familia de Nelson: ele é o de óculos.



Aos dezoito anos, foto que estava em um quadro na casa da mãe.



O convite, o anel e o dia da formatura em Osório.





Acima: Com Ironi e Nadir, da Agrimar.  
Abaixo: Almoço em Fazenda Souza.



Com Nadir no começo da Agrimar.

## ***Ilete chega para ficar***

Olhando para trás, a gente percebe que tudo realmente aconteceu como deveria. Para Nelson, ter ido para a Escola Agrícola em Osório, em vez de ter ficado no campo, precisou acontecer para que ele fosse incentivado a seguir essa carreira. E ter ido, alguns anos mais tarde, trabalhar na Agrimar, precisou ter acontecido para que ele conhecesse Ilete. Tudo está conectado.

Nelson passou um período breve trabalhando na Associação Rural, como vendedor. Foi lá que ele teve o primeiro contato com Nadir Rizzi, um entusiasmado jovem, com vontade de se arriscar. Apesar de serem de personalidades opostas, Nadir, mais falante e expansivo, e Nelson, mais quieto e pensativo, os dois foram trabalhar juntos. Nadir convidou Nelson para sair da Associação Rural e tornar-se sócio da empresa que ele tinha com o pai, a Rizzi & Rizzi Ltda, uma loja de produtos agrícolas na Rua Bento Gonçalves. Nelson juntou as economias e vendeu uma máquina de escrever para bancar a entrada na sociedade. A Rizzi, anos mais tarde, mudou de nome para Agrimar - Produtos e Máquinas Agrícolas, empresa que entraria para a história de Caxias e região.

O início de um negócio, como todos, foi de muito trabalho. E para relaxar, Nelson, que nunca gostou muito de festas, abriu uma exceção certo dia, e foi com a turma de colegas da Agrimar para Nossa Senhora da Salete, em Forqueta. Era setembro de 1972.

Ilete foi para a mesma festa. A melhor amiga dela, Neris, era namorada de Mario, que trabalhava como vendedor na Agrimar. E Neris convidou Ilete para acompanhá-la. "Sabe como é, naquela época, não se saía com o namorado sozinha. Então eu fui de chá de pera desse casal", lembra Ilete, que foi até Forqueta sem pretensão nenhuma, apenas fazer companhia para a amiga.

Lá, Mario apresentou a namorada para os colegas e também a amiga. E assim, Nelson e Ilete se viram pela primeira vez. Mal sabiam aqueles quatro jovens que um casal seria padrinho de casamento do outro, apenas alguns anos mais tarde.

Ilete também nunca tinha namorado, então o relacionamento demorou um pouquinho para engrenar. Naquela festa, uma "reunião dançante", eles dançaram juntos, conversaram um pouco e Nelson a acompanhou até em casa. "Mas não saímos namorando logo, eu estava meio... não sei, eu queria, mas não queria. Mas vira e mexe a gente se encontrava! Eu tinha 20 anos e ele tinha 25. Íamos na missa ou no cinema só para se nos ver. Pouco a pouco, a gente se apaixonou. Até que ele disse um dia: 'Esse fim de semana eu vou para Curumim'. E eu disse: 'Eu também vou sair de férias!', porque, coincidentemente, eu estava indo para a praia. Lá, ele me pediu em namoro."

Ilete morava com os padrinhos. O namoro era na casa dela, aos sábados e domingos, e nas quartas-feiras, quando Nelson conseguia se liberar do trabalho, o que não

era sempre. Ilete era natural de Antônio Prado (também veio “da colônia”, como ela diz), e em Caxias, trabalhava no Correio Riograndense, no setor de montagem do jornal. “O frei Aldo Colombo foi meu chefe e ele que nos casou depois. Também foi chamado para a celebração de 25 anos de casamento,” conta ela. Viu? Tudo conectado.

Durante o namoro, Ilete e Nelson iam para algumas festas com os casais de amigos — tudo o que faziam fora de casa precisava ser com outras pessoas, já que Nelson não podia dirigir por causa do problema de visão e Ilete ainda não sabia como. Mais tarde, quando casaram, ela fez a carteira de motorista e foi ela, no casal, que sempre dirigiu por tudo, inclusive para a praia nas férias.

Nelson e Ilete combinavam muito. E estavam alinhados nos planos para o futuro. O namoro ia bem e os dois decidiram que estava na hora de noivar. O casamento foi celebrado em 1977, na Igreja dos Capuchinhos. “Foi tudo muito simples, com festa no Restaurante Gianella e lua de mel em Capão da Canoa. Um funcionário da Agrimar nos levou.”

O casal queria ter filhos, mas esperou dois anos para isso, para que pudessem também aproveitar a liberdade da nova vida. Financiaram uma pequena casa no bairro Rio Branco, ao lado da casa do sócio Nadir, e este foi o primeiro lar que tiveram juntos. Ao longo dos anos, mudaram-se algumas vezes.

Quando Ilete engravidou pela primeira vez, confessa que rezou para que fosse um menino, para

que no futuro, pudesse assumir o papel que ela tinha até então: de dirigir. Hoje ela ri do pensamento, porque uma filha poderia ter tido a mesma função.

Mas, no fim das contas, ninguém assumiu essa tarefa. Ilete foi a motorista de Nelson por toda a vida. Levava-o e buscava-o no trabalho todos os dias. E o marido era sempre muito grato por isso. "Ele não falava sobre isso, mas eu acho que o fato de ele não poder dirigir incomodava muito ele. Mesmo assim, ele dizia para todo mundo: 'Eu não dirijo, minha mulher dirige pra mim, é ela que faz tudo!' Mas não precisava ficar falando isso, porque, afinal de contas, se eu não quisesse, eu não teria feito." Nelson escolhia o carro que teriam e ela dirigia. O máximo que ele fazia era acelerar o carro parado dentro da garagem.

De qualquer forma, as preces foram atendidas e Ilete teve não apenas um menino, mas dois. Mauro nasceu em 1979 e Marcos, em 1982. "Eu fiquei muito feliz e o Nelson também. Sempre achamos bom dois meninos para que fossem companheiros. O que eles são", diz ela com orgulho. "Ele era um ótimo pai, sempre foi. Como a Agrimar foi crescendo muito, ele não tinha muito tempo para acompanhar, por exemplo, coisas da escola dos guris. Isso ficava tudo comigo. Mas todos os anos saíamos de férias por duas semanas, sem falta. No dia seguinte que ele entrava em férias, a gente já estava na praia."

As férias em Santa Catarina eram sempre divertidas; o trajeto, nem tanto. "A gente lotava o Monza de coisas,

porque a minha mãe queria levar tudo. E ele ficava bravo, tenso. Aí ela ia colocando as coisas no bagageiro, eu e o Marcos brincando e eles mandando a gente ficar quieto. la coisa atrás, em cima, por tudo!" lembra com bom humor o filho mais velho, Mauro.

Nelson tinha o hábito de registrar as férias em vídeo: levava para todos os lugares uma grande câmera onde gravava os momentos de lazer da família. Essa é uma das melhores memórias de Mauro: "Ele levava sempre essa filmadora. Inclusive, ele queria narrar, e às vezes, o vento atrapalhava tudo o que ele estava falando!," conta. "Hoje, esses vídeos estão em um pen drive engatado na TV da mãe, e esses dias, a gente estava olhando essas filmagens e lembramos desse episódio, de ele falando enquanto filmava no vento."

A família sabia que o pai era super focado no trabalho, então apreciava essas duas semanas do ano em que ele realmente conseguia relaxar e ser ele mesmo. Segundo Mauro, ele fazia apenas uma ligação por férias para a empresa. Ficava na fila do orelhão da praia para isso. "Ele brincava muito com a gente na beira do mar, jogávamos muita bola. Ele adorava praia. Tomar banho de mar era algo que ele gostava demais." Os quatro também foram muitas vezes para Piratuba: há fotos de Nelson no parque das águas com os filhos em várias etapas da vida deles. Ele sempre gostava que as férias fossem em lugares tranquilos. Por causa da visão, não era fã de agitos.

O pai passou aos dois filhos a paixão pelo futebol. E pelo Internacional. Mauro lembra de ter ido ao estádio com o pai apenas uma vez, já que Nelson evitava isso por causa da sua visão. Não sentia-se bem naquela confusão e barulheira de pessoas. E também não enxergava os jogadores de longe. Mas nunca deixava de acompanhar os jogos na TV e pelo rádio, com comentários, ao mesmo tempo. "O rádio AM era a paixão do meu pai. Até os últimos dias da vida dele, ele estava lá com o rádio no peito. Ouvia muita notícia, sobretudo futebol. Para ele, só existia o Inter e era isso," conta Mauro. "E eu peguei esse vício dele. O rádio era o companheiro fiel do pai e eu, até hoje, acordo e ligo o rádio. Tenho até hoje guardado o walkman que ele deu para mim e para o Mauro nos anos 80," conta o filho mais novo, Marcos. Nelson era muito contido em tudo. Até quando se tratava de futebol. Os filhos lembram que mesmo quando o Inter fazia gols, ele ficava feliz, mas não colocava isso para fora.

Em 1986, Nelson ganhou ingressos para a Copa do Mundo do México em uma premiação de um fornecedor da Agrimar. E estando lá, não teve como deixar de ir ao estádio. Mauro e Marcos lembram até hoje de ter assistido aos jogos pela TV e tentar encontrar a imagem do pai na multidão de dezenas de milhares de fãs. Claro que não acharam, mas a experiência, para a família toda, especialmente para Nelson, foi inesquecível. Mesmo com a tristeza de ter visto presencialmente o Brasil ser eliminado nos pênaltis pela França.

Da viagem, ele trouxe enormes sombreros, que os



meninos adoraram e fizeram muitas fotos. Os chapéus existem até hoje e vão passar aos netos.

As lembranças do México não são todas positivas, no entanto. Mauro lembra que o pai relatava para Ilete estar tendo muitas dificuldades com a comida de lá. Nelson sempre sofreu com úlceras, o que pode estar relacionado ao quanto tenso ele era no trabalho. Houve um período da vida, inclusive, que os médicos mandaram que ele não tomasse nada de álcool por causa do problema.

A tensão sempre acompanhou Nelson durante a carreira. Talvez por ser tão reservado e não gostar de conflitos, internalizava muitas coisas. E a saúde (física e mental), infelizmente, cobrava seu preço.

Os filhos lembram que aos sábados de manhã, ele sempre trabalhava. Sábados à tarde, “tombava o jipe” e fazia um longo descanso. E domingo de manhã, Nelson finalmente se soltava, período que os filhos chamavam de “Domingo Alegre.” “Ele sempre trabalhou muito para sustentar a família, não tinha muito tempo livre. Então, no domingo, era como se ele virasse outra pessoa,” conta Marcos. À tarde, no entanto, Nelson já começava a respirar os ares de preocupação com a segunda-feira e se fechava. “Ele só enxergava o trabalho, era muito dedicado a isso”, lembra Ilete.

O pai também não era de externalizar sentimentos com os filhos, e ambos contam que não lembram de ter ouvido um “eu te amo”. Mas sempre entenderam que esse era o jeito dele. E sabiam, internamente, que o pai os

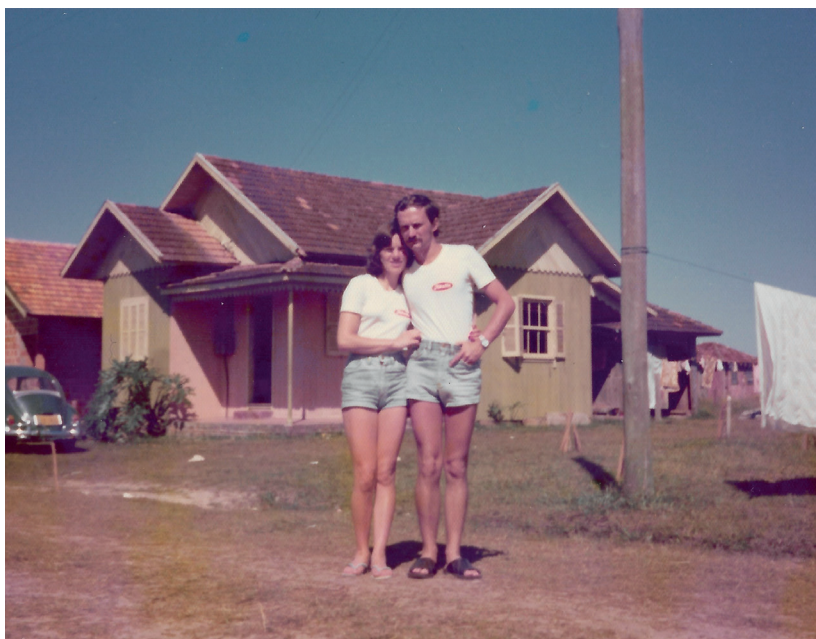
amava muito. “Sabíamos que ele tinha tido uma criação diferente, então eu nunca cobreí isso dele. Mas ele sempre foi um excelente pai, sempre nos demos bem, foram pouquíssimas brigas. Tínhamos uma ligação bem forte com ele e o nosso elo era, realmente, o futebol,” completa Marcos. “Nós tínhamos o hábito de ficar em família após a janta. Depois do Jornal Nacional, que ninguém podia dar um pio durante as notícias, eu pegava um colchãozinho e deitava na frente da TV, o Mauro jogava alguma coisa, a mãe via novela e o pai pegava no sono no sofá.”



Em Curumim, com Ilete, onde o namoro começou em 1973.



Na mesma praia, época de namoro, nos anos 70.



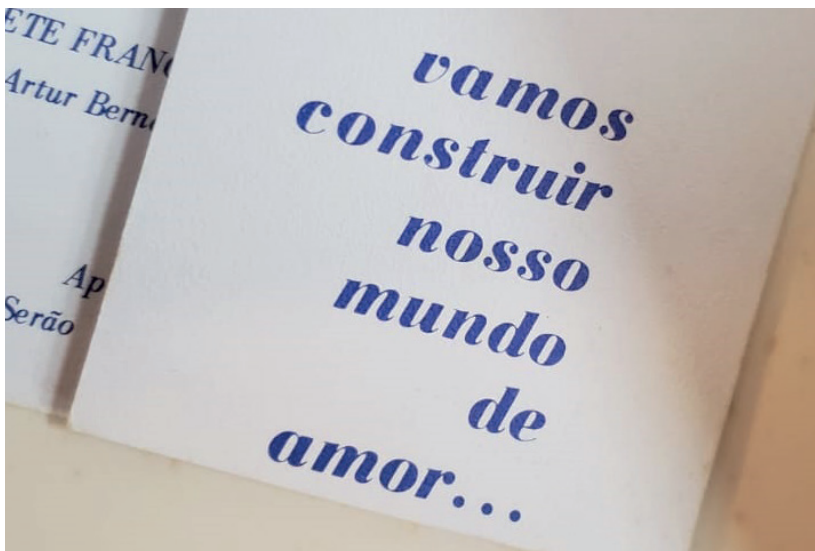
Acima: O casal, quando namorava.  
Abaixo: Nelson em viagem de trabalho ao Rio de Janeiro.



Acima: No casamento da irmã Genilda.  
Abaixo: Anos de juventude década de 70.



Convite de casamento, que foi desenhado por um amigo de Ilete.



Acima: A foto que gerou o convite de casamento.  
Abaixo: Frase de abertura do convite.





O casamento, em 1977.



Com a mãe dele, Elma, no dia do casamento.



Com os irmãos e com a família toda no dia do casamento.



No começo da Agrimar.



Acima: Com Ilete, na praia.

Abaixo: Fim de ano da Agrimar, confraternização no porão do Nadir.



O casal, à espera dos dois filhos: Mauro e Marcos.



Acima: Nelson com o primogenito, Mauro, no dia do batizado.  
Abaixo: Retrato de Mauro na época de bebê.



Com Mauro em Piratuba e no aniversário de um ano.





O pai com o segundo filho, Marcos.



Dois filhos que puxaram muito ao pai, inclusive na paixão pelo futebol.



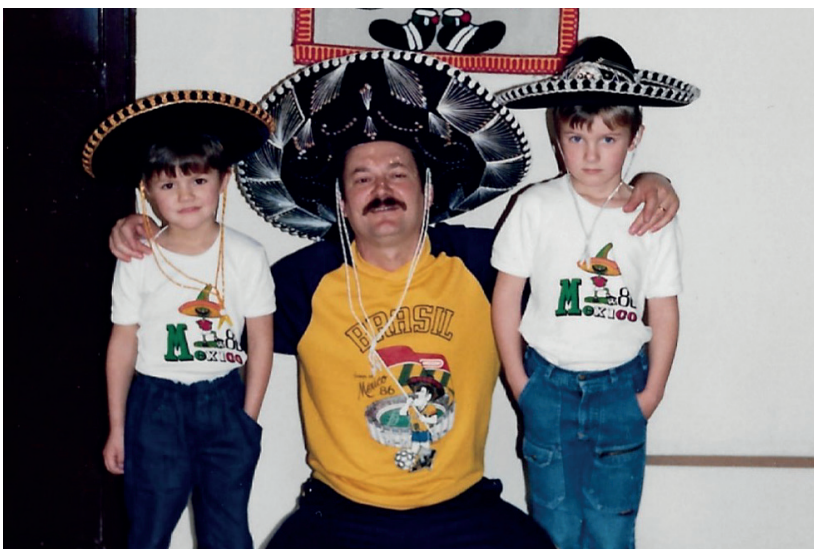
Os quatro, na infância dos meninos.



Acima: Em um churrasco de família.  
Abaixo: Durante as férias.



Férias de família, Nelson fazia questão de registrar tudo em vídeo.



Nelson ganhou uma viagem à Copa do Mundo no México. A família tem os sombreros até hoje.



Acima: Férias na praia.  
Abaixo: Retrato em família nos anos 90.



Acima: Visita ao México.  
Abaixo: Em Toledo, na Espanha.





Acima: Na mesma viagem a Espanha, passeio que ganharam de um fornecedor.  
Abaixo: Festa surpresa dos 25 anos de casados, realizada na Agrimar.



Nelson e os irmãos nas Bodas de Ouro dos pais.

## ***“Não sabia que o Nelson havia plantado tanto”***

Os quatro sempre foram muito ligados. Quando o acidente aconteceu, na véspera do Dia dos Pais, em 1999, a família ficou muito abalada. Mauro e Marcos eram adolescentes na época e estavam sozinhos em casa, enquanto Ilete estava em Porto Alegre, em um Chá de Fraldas de uma sobrinha. “Eu estava de carona, e lá pelas tantas, me falaram: ‘Nós temos que ir embora’ e inventaram uma desculpa. E aí, quando nós estávamos chegando na cidade, me deram a notícia de que o Nelson tinha se acidentado. Quando cheguei no hospital, os guris já estavam lá e o Nelson estava em cirurgia”, conta Ilete, lembrando de um dos dias mais assustadores de sua vida.

Nelson ficou 35 dias no hospital, teve algumas fraturas e, para o seu azar, teve a visão ainda mais prejudicada devido ao ferimento no rosto.

Ilete achou melhor esperar para contar a Nelson que os colegas (e também amigos) do carro não tinham sobrevivido. “Quando ele acordou, ele pedia muito pelos colegas. Aí eu lembro que o Nadir ia lá e falava que a gente tinha que contar e eu dizia ‘não’, que só contaríamos depois que ele passasse pela última cirurgia”, conta Ilete.

Nelson voltou para casa e ficou um ano sem poder caminhar. “Nós morávamos na rua Campos Junior, numa casa no bairro Rio Branco, de dois andares, e tínhamos que chamar um vizinho para ajudar a levar ele para o

quarto," conta Marcos. "Foi um acidente muito grave, mas passou. Ele nunca foi uma pessoa de se queixar. Ele ficou vivo todo esse tempo porque Deus permitiu, deu a ele essa segunda chance," diz Ilete. "Muita gente pedia como o pai estava indo. Nadir contava que todo dia tinha cliente perguntando dele e ele nos disse o seguinte: 'Eu não sabia que o Nelson tinha plantado tanto'", conta Marcos.

Para Mauro, o pai tem um antes e um depois do acidente. "Ele era a mil, e depois do que aconteceu, ele teve que desacelerar, ele não conseguia mais fazer as mesmas funções na empresa. E ele ficou assim, mais low profile, em casa também."

Nelson, antes do acidente, era muito ativo na Agrimar: gerenciava todo o setor de compras da empresa. "Depois, ele voltou, devagarzinho, mas ele nunca mais retomou as funções na empresa. Com o passar do tempo, ele começou a ver que a parte que ele conseguia se dedicar mais era a das sementes", explica Mauro.

E essa era uma área que Nelson se destacava. Especialmente porque fazia este trabalho com amor, mas talvez porque também tinha muito a ver com sua personalidade: o cultivo de sementes necessita de método, atenção e paciência. A Agrimar estava forte nos equipamentos agrícolas, mas a empresa havia nascido como venda de insumos agrícolas. E Nelson, de certa forma, viu ali uma utilidade depois do acidente que sofreu. Muitas coisas se agravaram após o acidente. E Nelson ficou ainda mais dependente de Ilete. Ele começou a

contar com ela também como apoio para caminhar, não apenas para dirigir. "A mãe fez tudo para ele," dizem os filhos e qualquer outra pessoa que tenha conhecido o casal. Nos últimos anos, ela até servia-o quando iam a um restaurante.

Nelson e Ilete tinham uma ligação muito forte. Era como se um não existisse sem o outro. Até mesmo a celebração de aniversários era conjunta, já que ele era de 1 de julho e ela de 13 de julho. "Ela era muito parceira dele e ele valorizava isso. A minha mãe era tudo pra ele. Ela era, além de esposa, uma cuidadora," diz Mauro. "Eles eram cúmplices," completa Marcos.

Ao longo de mais de 40 anos juntos, foram pouquíssimos os dias que eles passaram separados, apenas em alguma rara viagem a trabalho de Nelson. "Ele dependia muito de mim, e confiava em mim totalmente," diz Ilete. "Ele reconhecia o que ela fazia por ele e sempre dizia que seria eternamente grato a ela por isso," conta um dos sobrinhos, João.

### ***Humildade, talvez até demais***

Como todo relacionamento, claro, as coisas nunca foram perfeitas. Nelson gostava que as coisas fossem feitas do jeito dele, principalmente no que se tratava de finanças. Era tão metódico com isso que toda vez que abastecia o carro, tinha que anotar em um caderninho

a quilometragem e qual a média de combustível que o carro fazia (mesmo Ilete — a motorista — dizendo que isso era desnecessário). “Ele era ótimo negociador, minha mãe passava até vergonha nas lojas com ele,” conta Marcos.

Nelson, apesar de ser um dos sócios de uma empresa que tornou-se de muito sucesso, continuou econômico, simples e humilde. Não demonstrava nas roupas, nos carros e nas casas que teve o seu salário. “A gente sempre viveu uma vida simples, mas nunca nos faltou nada,” diz Ilete. “Até hoje, as pessoas acham que a gente é rico, eu, na juventude, sempre quis ser o que achavam que eu era,” ri Marcos. “Ele era excessivamente humilde. Tem o lado bom, porque acho que humildade não é uma coisa ruim, mas tem também o lado ruim. É como se ele tivesse vergonha de ter dinheiro, não queria nunca ostentar,” diz Mauro. “Ele tinha vergonha de dizer que ia fazer uma viagem, tipo para a Bahia, só dizia que ia ficar uns dias fora, quando, na verdade, as pessoas da empresa gostavam quando ele se permitia descansar e aproveitar. Acho que a história dele merece ser contada, mas se ele estivesse vendo isso, com certeza, não ia achar esse livro necessário. Iria dizer: ‘o que estão inventando?’”

O pai não agia como um “chefe tradicional” na hora de liderar. Tinha um relacionamento tão tranquilo com todos os funcionários, que era considerado por todos um amigo, não um patrão.

Sempre que algum funcionário novo chegava de fora da cidade, ele aceitava ser avalista. “Ele era uma

pessoa muito boa, de coração grande, se pudesse dividir algo que tinha com alguém, ele dividia. Não era nem um pouco ganancioso. Às vezes, no trabalho, a gente até questionava, pois algumas coisas não pareciam muito justas, mas ele nunca queria brigar por isso," conta Ilete.

Nelson fazia questão de almoçar no restaurante com os empregados ao meio-dia, só para poder conversar com eles. Ele era, realmente, um colega. Nem sequer se intitulava chefe, pois não sentia essa necessidade. Nos seus últimos anos de Agrimar, nem tinha mais as chaves da empresa, então após o almoço, esperava lá fora no sol junto com os funcionários até a loja abrir. "Isso que me refiro no excesso de humildade. Mas essas coisas criavam uma identificação, as pessoas gostavam dele", diz Mauro. "Ele se superava nessa parte de como ele lidava com as pessoas. O Nelson era avançado para o tempo dele, ele enxergava coisas onde nós não enxergávamos. Por causa dessa dificuldade de visão, ele desenvolveu outras habilidades", explica João.

Se os funcionários já gostavam dele, os clientes o adoravam. Nelson não media esforços para recebê-los bem. Sabia o nome e sobrenome de todos (tinha uma excelente memória), e, mais do que isso, chamava-os pelo nome quando eles entravam na loja. Atendia todos com a mesma dedicação. "Todos os colonos conheciam ele. Ele era pai de muita gente. Foi um personagem do meio rural", diz Marcos. "Os grandes clientes dele eram os agricultores, ele se identificava demais com eles. Ele

era um gênio na área da semente e os agricultores que conheceram o Nelson, até hoje falam dele,” conta João. Nos anos 2000, os filhos tiveram uma chance que ele não teve: morar fora do país, decisão que Nelson apoiou. Marcos morou na Nova Zelândia e Mauro na Itália. “Ele tinha muita confiança na gente,” diz Marcos.

O sonho do pai (apesar de ele não dizer isso para muitos) era que os dois trabalhassem com ele, mas soube ter o bom senso de deixá-los trilhar os próprios caminhos até que isso acontecesse. Marcos estudou Comércio Exterior e Mauro, Administração. “Eles estão se encontrando,” dizia Nelson, para os colegas mais próximos da empresa, sempre com muito orgulho dos dois. Os dois tiveram seus primeiros empregos na Agrimar, em posições mais básicas da empresa, e depois trabalharam em outras áreas.

Nelson achava que era importante que eles comesçassem de baixo para que pudessem valorizar o trabalho e também conhecer as estruturas da empresa. Fez o mesmo quando os filhos começaram a dirigir. Comprou carros para os dois (um Gol, depois Celtas), e fez com que, aos poucos, pagassem pela metade dos carros. “O pai sempre fez a gente ter merecimento nas coisas. Nós fomos os últimos da rua a ganhar bicicletas. Videogame, tínhamos que passar de ano para conseguir ter. Então, a gente sempre valorizou tudo que a gente ganhou,” conta Mauro.



## ***Duas novas filhas e três netos***

O exemplo de cumplicidade dos pais no casamento incentivou Mauro e Marcos a desejarem o mesmo para as suas vidas. E eventualmente, Nelson ganhou duas noras: Cristina, que casou-se com Marcos, e Sabrina, que casou-se com Mauro. Para Nelson, foi como ganhar duas filhas. "Eu lembro muito bem das primeiras impressões que tive dele, há mais de 20 anos. O seu Nelson foi sempre um amor comigo, um querido. Ele podia ser muito brincalhão, que era algo que ele mostrava quando tu conhecia ele melhor. Mas comigo, foi assim desde o início... bateu uma simpatia", conta Cristina. "Eu perdi o meu pai e ele ocupou este lugar. Para mim, falar do seu Nelson é falar de caráter. Ligo ele a um caráter exemplar. Ele era correto até demais, se é que isso existe. Conversávamos bastante e ele sempre queria saber do meu trabalho."

Nelson gostava de dar apelidos carinhosos para quem gostava. Chamava Cristina de "diretora", por causa do trabalho dela na agência de intercâmbio, e a outra nora, Sabrina, que dá aula na UCS, de "profe". "Eu sentia que ele tinha orgulho que o filho dele tinha casado com uma professora," conta Sabrina. "Ele sempre foi uma pessoa muito doce, que valorizava a opinião dos outros. Tudo o que ele fazia era honesto e íntegro. Com os meus sogros, tive um reforço do que tive com meus pais. Era admirável, porque ele tinha um certo patrimônio, tinha conseguido muitas coisas na vida, mas ele era muito simples e acessível."

Em 2014, a vida de Nelson explodiu de felicidade, ao ficar sabendo que ganharia o primeiro neto. Lucas chegou para alegrar o coração de toda a família. "Ele foi bastante coruja com o Lucas. Ele fazia coisas que eu nunca imaginei que ele fosse fazer, deitava no chão para brincar com ele quando era bebê, fazia um sonzinho com a boca que só ele sabia para fazer o Lucas rir. Era super carinhoso!", conta Cristina. "Quando ele virou avô, ele continuou estilo Nelson de sempre, mas mais babão. Ele se transformou. Tinha adoração pelo Lucas. E quando ele chorava, ele ficava quieto, preocupado", diz Marcos.

Em 2018, veio a notícia da primeira neta: Alice. "A Alice foi um xodó para ele: a primeira menina da família. E ela tem adoração pelo vovô até hoje. Ela gostava do relógio dele, ficava sentada no sofá, olhando o relógio do vovô. As grandes memórias que tenho dele é das vezes que fomos para a praia juntos. Uma vez, fomos com a Alice, e ele achou o máximo quando ela botou o pé na água pela primeira vez, ela não tinha nem um ano ainda. Chegamos à tarde na praia, fomos dar uma caminhada na beira do mar e ele disse que queria ir junto só para ver isso. Temos o vídeo dele ajudando ela a caminhar na areia. Eu tenho certeza que ele também teria ficado encantado de conhecer a Júlia (segunda filha de Marcos e Cristina), que veio logo depois", diz Sabrina.

A vida rodeada de netos ganhou mais cor. Mas não era só isso que havia deixado Nelson mais tranquilo. Após 45 anos de sociedade na Agrimar, ele e Nadir decidiram,

sem brigas, mas com muitas reuniões e cálculos, separar os negócios. E em 2016, ele assumiu uma das empresas do grupo, a Unytterra Máquinas Agrícolas, com unidades em Caxias do Sul, Montenegro e Vacaria. Em 2018, iniciou um novo projeto com a constituição da SOL Soluções Yanmar, com unidades em Vacaria e Montenegro.

Agora, até os finais de semana haviam se tornado mais leves. O pai e os filhos falavam mais de negócios, mas agora de uma forma mais agradável.

Mauro foi trabalhar com o pai. E anos depois, Marcos uniu-se às empresas também. "Sempre converso com os guris sobre isso. Cuidem dessas empresas, que é o patrimônio que o pai deixou. E deixou também o ensinamento de que quem só olha pra cima não olha para o chão," diz Ilete. "O pai era o 'Joãozinho do passo certo' e a gente cresceu com isso," completa Mauro, que junto com o irmão, segue à risca os ensinamentos do pai. "O principal que ele deixa é a honestidade, nós procuramos sempre ser justos," diz Marcos.

### ***O fim não é o fim***

Neste período em que os filhos, naturalmente assumiram a empresa para substituir o pai, Nelson começou a ficar doente. A separação das empresas e do sócio e o ingresso dos filhos no negócio fizeram parte do processo de descanso de Nelson. Agora, estava na hora.

Como já tinha sofrido com vários episódios de úlceras ao longo da vida, no início dos sintomas, a família achava que se tratava de mais uma delas. Nelson começou a ter fortes dores de estômago e Ilete o acompanhou ao médico. Após o exame, o doutor chamou Ilete para dizer que Nelson tinha motivos para se queixar. Ainda não se tinha certeza do diagnóstico, mas já sabia que era algo grave. E Ilete foi a única avisada disso naquele momento. A mulher pediu para que o médico apenas desse a notícia a Nelson depois do Dia dos Pais, que seria naquele final de semana. Não queria estragar a comemoração nem para o marido nem para os filhos. Mas ela, mesmo sem a confirmação do consultório, já sabia. E Nelson passou mal após aquele almoço.

Na segunda-feira, foi confirmado oficialmente o tumor de estômago, infelizmente, já em estágio avançado. "Eu até brinquei com ele: 'Pai, tu nos dá um susto de 20 em 20 anos! Daqui mais 20 tu pode ir', e ele deu uma risadinha", conta Marcos. "Isso foi um dia antes da cirurgia, que estava marcada, mas não teve como ser realizada. Eu quase desmaiei no hospital. Fui falar com o médico, lembro como se fosse hoje, uma expressão de decepção no rosto dele, porque não conseguiu fazer como ele esperava. Aquele acidente de 1999 havia criado muitas aderências nos órgãos, o médico não conseguiu chegar onde tinha que chegar, e não conseguiu tirar o câncer na totalidade. Nós pedíamos a Deus mais tempo com ele, mas não foi possível."

Nelson seguiu o tratamento, que incluiu sessões de quimioterapia, por nove meses. “Eu acompanhei ele no hospital todos os dias em que ele esteve internado: mais de 30 dias na primeira vez e depois 15 dias, até o final,” lembra a esposa. “Eu passava dia e noite no hospital. E ele fazia questão da minha companhia. Uma noite, ele estava impaciente, ansioso, não conseguia dormir. Peguei na mão dele, sentei no fundo da cama e disse: ‘Fica calmo. Eu não vou sair daqui, tu sabe que eu não vou a lugar nenhum. E disse que ia ficar segurando a mão dele até ele dormir. Ele dormiu, eu fui soltando a minha mão devagarzinho, até que ele disse: ‘Eu não estou dormindo!’. E eu peguei na mão dele de novo. Eu saí muito pouco do hospital nesse período, e toda vez que eu não estava lá, que ia para casa para tomar um banho ou fazer alguma coisa, ele ficava dizendo para os gurus: ‘A mãe tá demorando’, ‘Que horas a mãe volta?’”.

Nelson faleceu no dia 6 de maio de 2020, mas segue vivo em todos da família.

Na esposa e companheira de vida, Ilete, que segurou a sua mão durante mais de 40 anos.

Nos filhos, que hoje mantêm seu legado empresarial e seus valores de ética em todas as negociações.

Nas noras que o amavam como um pai.

Nos netos que conviveu: Lucas, quando plantou feijão no algodão, disse para o pai: “O vovô Nelson saberia cuidar dessa planta”. Alice, que cada vez que passa pelo

quadrinho com o desenho dele, na sala da casa de Ilete, diz: "Olha, o vovô Nelson!". Em Júlia, que não teve a chance de conhecer o avô neste plano, mas cujo rosto lembra muito ele.

E nos irmãos, Paulo, Antonio, Salete e Bianco, que o amavam incondicionalmente.

"Só queremos que ele esteja bem. Eu ouvi muitas pessoas que são espíritas que passaram depoimentos muito positivos de que ele está bem," conta Mauro. "Ele estava muito feliz no final da vida dele," diz Marcos. "Depois que ele morreu, eu sonhei com ele. No sonho, ele pediu: 'Dá um abraço na minha Iletininha', porque ele chamava ela assim. E fui lá na casa dela e disse: 'Ilete, tenho uma coisa para te dar', e ela abriu um sorriso. Eu dei o abraço e disse: 'É isso aqui'. Eu fiquei todo arrepiado. O Nelson foi uma pessoa muito iluminada. A família dele sempre veio em primeiro lugar", conta João.

No inverno de 2021, um ano após a morte de Nelson, ano que foi o mais difícil para todos, a família se permitiu viajar novamente. Foram para Porto Seguro: Ilete, Mauro, Sabrina, Marcos, Cristina e os netos (Lucas, Alice e Júlia, neta que nasceu pouco após o avô falecer). Viagem que lembraram do vovô Nelson a todo momento. E que sabem que ele teria gostado muito. Tranquila, de frente para o mar, ao lado da família.



À direita: Capa do jornal Pioneiro após o acidente que Nelson sobreviveu.  
 À esquerda: Cartão que ele ganhou da empresa quando se hospitalizou, em 1999.



Os filhos, já crescidos, com o pai.





Formatura de Mauro em 2006, e formatura de Marcos em 2008.



Casamento de Mauro com Sabrina e casamento de Marcos com Cristina.



Nascimento e batizado do primeiro neto, Lucas.



Os avós com o netinho, filho de Marcos e Cristina.



Com Alice, segunda neta, filha de Mauro e Sabrina.



Aniversário de um e de dois anos de Alice.



Aniversário de 5 anos de Lucas, o último com a participação do vô.

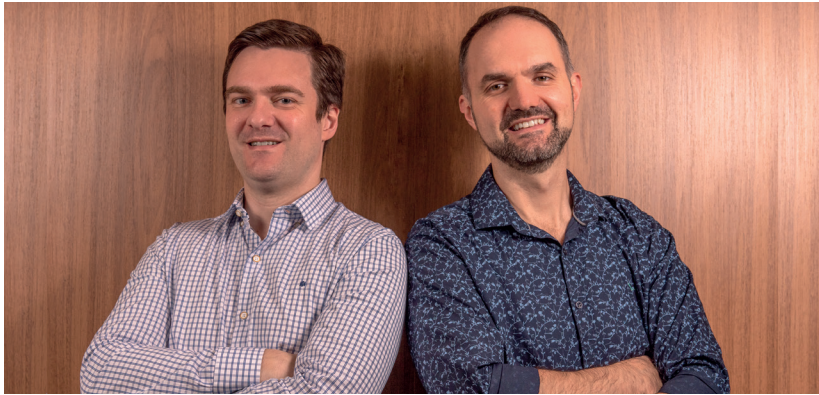


Último Dia dos Pais do Nelson, em 2019.





A família, já sem a presença de Nelson, no batizado da terceira neta, Júlia.



Mauro, Marcos e Ilete.



Família: o maior legado de Nelson.







Quando a gente vira pai, a gente experiencia um amor intenso, nunca antes sentido.

Quando a gente vira avô, o que parecia impossível — amar ainda mais — acontece.

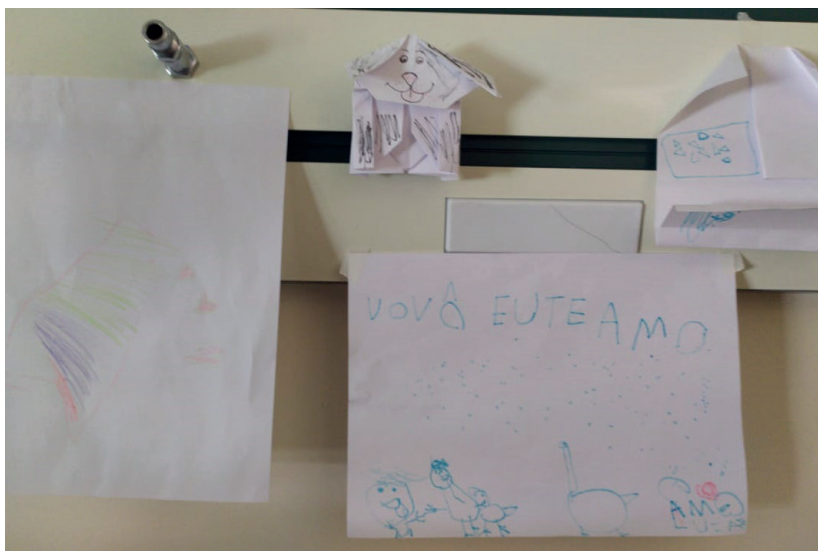
O amor de Nelson transbordou com o nascimento dos netos. Em Lucas, filho de Marcos, e Alice, filha de Mauro, ele via o melhor dos dois filhos reunido nas crianças, que tanto se parecem com os pais (e também com o avô).

Júlia, segunda filha de Marcos e neta mais nova, nasceu em setembro de 2020, quatro meses depois da partida de Nelson. Ela chegou como “um presente para a vovó”, como diz Ilete, a quem a neta é mais apegada.

A alegria diária de Lucas, Alice e Júlia fazendo bagunça boa pelos corredores da casa da avó ensinam o que já se sabe, mas que às vezes precisamos ser lembrados: a vida continua.







O neto Lucas e o desenho dos vagalumes que fez para o vô no hospital.





A neta Alice e o desenho feito para este livro.





A neta Júlia, que não conheceu o avô, mas que se parece muito com ele.









O verdadeiro legado não é aquilo que a gente deixa para as pessoas. Mas o que a gente deixa nas pessoas.

E Nelson deixou muito em muita gente.

Nas páginas a seguir, algumas pessoas importantes da trajetória dele, escolhidas pela família, deixam os seus relatos.





Neris Teresa Motter  
e Luiz Mario Motter

## **Foi uma história bem bonita e longa, de mais de 50 anos de amizade.**

“Começamos a ter uma relação de amizade após 1969. O Nelson era uma pessoa bem legal, simples e tranquila. Com o passar dos anos, comecei a namorar a Neris, muito amiga da Ilete. A gente saía, eventualmente, para alguma festa e a Ilete ia junto. E os dois começaram a se gostar. Nossa relação de amizade aumentou: eu amigo dele, ela amiga da Neris.

Juntávamos os dois casais e saíamos, principalmente, nos finais de

semana, porque durante a semana todos trabalhavam. Nós íamos no clube, fazíamos um churrasquinho, íamos nas festas, nas igrejas. Também saíamos de férias juntos e fizemos várias viagens. A gente se dava bem. Sempre mantivemos contato com eles. Nós fomos até padrinhos de casamento!

Depois vieram os filhos e continuamos saindo e viajando juntos. Foi uma história bem bonita e longa, de mais de 50 anos de amizade. A gente se sentia bem do lado deles. O Nelson era uma pessoa bacana, simples, podíamos contar qualquer coisa, era carismático, honesto, companhia bem agradável.

Combinávamos bem, não tinha discussão, era sempre bem divertido, bem tranquilo.

O Mauro e Marcos nos chamam de tios até hoje, tivemos uma convivência muito grande, a gente carregava eles no colo, fazia dormir, brincava com eles. É uma coisa bem carinhosa, muitas vezes nem os nossos sobrinhos nos chamam assim, mas eles sempre tiveram esse carinho conosco, desde de criança.

O Nelson era um exemplo de pessoa correta, de simplicidade, honestidade, amizade. Mas o que mais chama atenção é essa pessoa justa que ele era, ele não sossegava até que não acertasse as contas, ele não ficava quieto.

Quando ficamos sabendo que ele estava doente, ficamos muito abalados, sofremos junto. Mas a vida é assim, não adianta. A gente tem que saber se conformar

também. Infelizmente, é uma pessoa a menos (e uma pessoa muito importante) no nosso círculo de amizade. Rezamos muito pelo Nelson. E até hoje ele está nas nossas orações."



No casamento de Mario e Neris e nas Bodas de 25 de Nelson e Ilete.





Ivan Bedin e  
Loreine Bedin

**Recebia a gente sempre com um sorrisinho. Essa é a imagem que ficou: aquele sorrisinho.**

“É uma história de mais de 40 anos. A gente conhecia o Nelson através do Mario e a esposa dele. Éramos amigos, praticamente casamos na mesma época. De lá para cá, a gente manteve essa relação, essa amizade, passaram os anos e a amizade sempre se manteve. Íamos muito para o litoral juntos, o irmão dele tinha um apartamento em Perequê, SC, e ficamos muitas vezes lá. Viajamos juntos, íamos para praia, em Curumim. Também viajamos com o Nelson e a

Ilete lá para o litoral do Paraná, eles foram sempre uma boa companhia.

Sempre nos demos muito bem. O Nelson era uma pessoa muito tranquila. Nesses 40 anos, nunca vimos o Nelson se alterar com alguma coisa, e apesar dos problemas dele de visão, nunca vimos ele se queixar. Fomos visitar ele no hospital, e mesmo quando ele estava ruim, nunca se queixou. Era uma pessoa extremamente agradável, recebia a gente sempre com um sorrisinho. Essa é a imagem que ficou: aquele sorrisinho.

A Ilete também é uma excelente pessoa, eles criaram uma família espetacular, os filhos são sempre muito educados, chamam até hoje

a gente de 'tio' e 'tia', o que começou na época da escola e continua até hoje.

O Nelson, sempre que tinha que fazer uma coisa importante, ligava para os amigos próximos pedindo opinião de como ele podia fazer, se dessa maneira ou daquela. Não era o dono da verdade.

Das particularidades dele que nunca esquecemos: aos finais de semana, quando ia para a chácara, gostava muito de fazer um soninho depois do almoço, mas sempre com o radinho de pilha ligado no esporte ou notícia. O futebol, para ele, era muito importante, estava sempre olhando a TV e acompanhando.

Somos amigos desde solteiros. Sempre dizemos que temos poucos amigos, mas os poucos que temos são da vida toda. Tem muita gente que não leva adiante, chega em

uma certa altura as pessoas se afastam. Nós, o Mario e a Neris, e o Nelson e a Ilete somos bem unidos, a gente sempre foi muito ligado. Foram os irmãos que a gente escolheu.

No dia do aniversário, ele adorava receber visita, era uma grande alegria para ele isso. O Nelson era uma pessoa extraordinária, muito agradável, educado. Foi uma perda muito grande para a gente.

Uma das coisas importantes que ele deixou é o círculo de amizades e amigos no ramo dele. Sempre recebia a todos com o maior carinho. Os clientes da Agrimar sempre queriam falar com ele, ele nunca deixava de atender, de conversar com as pessoas. Estava sempre disponível para isso. O Nelson era fora de série.

Ele influenciou muitas pessoas, tinha um carisma muito grande. Conhecia muito da área de agricultura e gostava



muito de conversar sobre isso.

Para nós, ele deixa uma lembrança de muita amizade. E a maneira como criou os filhos. Se tem um bom exemplo é esse livro: os filhos, querendo fazer algo para lembrar o nome do pai. É porque ele não passou em vão."



Com Ivan e Loreine, com quem Nelson e Ilete tem uma amizade de 40 anos.





Nadir Pedro Rizzi

**Foi um sócio fantástico. Só eu e ele podemos entender o que nós passamos.**

"Hoje é aniversário do Nelson (1 de julho)... Hoje ele completa 74 anos. O Nelson é uma pessoa que eu vou guardar com muito carinho. Tanto é que guardo a data de aniversário dele e guardo também a data que ele partiu.

Nós trabalhamos juntos como balconistas na Associação Rural de Caxias do Sul. Foi lá que nos conhecemos, em 1967. Depois disso, iniciei uma empresa com meu pai, a Rizzi & Rizzi Ltda, e convidei o Nelson para fazer parte. Eu tinha

20 anos de idade e o Nelson dois a mais. Nós éramos muito jovens. Aquele relacionamento que nós já tínhamos tido no trabalho nos aproximou muito, tínhamos uma afinidade. E em 1971, ele veio trabalhar comigo.

Logo, percebemos que tínhamos também algumas diferenças. Um dia convidei ele para ir comigo para um ponto de venda no interior de Dois Irmãos. Busquei ele de manhã cedo e fizemos a viagem e ele me perguntou: 'Tu faz isso seguido?'. E eu: 'Sim, no máximo, a cada 15 dias.' 'Pois é, isso não é para mim'. E eu disse para ele não se preocupar, que cada um teria as suas tarefas de acordo com o que sabia fazer melhor. Após 1976, nossa

marca seguiu com o nome de Agrimar - Produtos e Máquinas Agrícolas.

Trabalhamos juntos na Agrimar até 2016. Só eu e ele podemos entender o que nós passamos nesses anos todos sendo sócios. Ninguém pode avaliar o que isso vale. Eu me emociono, porque o Nelson foi uma pessoa de caráter, empática, de relacionamento de humildade, de uma dedicação e doação muito grande. Nós passamos bons momentos, mais bons do que ruins.

Trabalhamos muito. No começo, tirávamos notas fiscais (manuais) aos sábados e domingos, para deixar as coisas prontas para a semana. Entregávamos, carregávamos e descarregávamos. Não tinha recursos. O único recurso que nós tínhamos era vender. As pessoas dizem que tivemos sorte. E pode ser até que

tenhamos tido sorte. Mas, com certeza, trabalhamos muito. Foram anos de muito trabalho, dedicação e doação.

Nós fomos crescendo, crescendo, trabalhando, trabalhando... e acho que quando chegou a hora de mudarmos a nossa vida, de talvez nos aposentarmos e trabalhar menos, ele partiu.

O Nelson questionava muito, era um bom debatedor. Ele tinha uma boa leitura do mercado, era um comerciante perspicaz, muito talentoso. Foi um sócio fantástico. Podemos ter tido alguns contratempos, algumas desavenças, momentos críticos por dificuldades ou por pontos de vista diferentes, mas o diálogo sempre prevaleceu. Nunca tivemos grandes desentendimentos. Eu gostava muito dele. Fomos até vizinhos! Ele comprou uma casa do lado da minha.

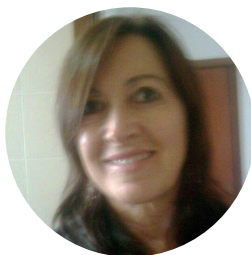
O prazer dele era estar em contato com os clientes e fornecedores. Ele era uma alma pura, de conteúdo invejável em todos os sentidos. Os clientes gostavam muito do Nelson e ele gostava muito dos clientes. Talvez essa tenha sido a hora que a gente tenha tido mais diferenças. O Nelson tinha coração com os clientes. E às vezes alguém que estava devendo queria seguir comprando e ele dizia 'Ah, mas podemos vender, porque ele vai nos pagar.' Ele tinha mesmo um coração fantástico, ele queria o bem de todos, queria a evolução das pessoas, vê-las crescer.

Nós vivemos uma vida de emoções. Ficamos juntos 45 anos e torço muito para que a família tenha sucesso. Que falta faz o Nelson. Foi uma parceria muito forte. Eu tenho gratidão por tudo o que passamos. Voltaria e repetiria tudo o que

fizemos. E tenho certeza que ele faria de novo também. Se eu tivesse que voltar, em uma próxima reencarnação, seria sócio do Nelson mais uma vez."



Reconhecimento da Câmara de Vereadores pelos 40 anos da Agrimar.  
Abaixo: Bênção do Frei Jaime nos 45 anos de empresa.



Eliana Cantele Dos Reis

**Ele gostava de almoçar junto no restaurante para ficar com a turma. Ele ia junto para dar risada.**

"Trabalhei por 43 anos na Agrimar, iniciei em 1975. O Nelson entrou na sociedade e, logo depois, eu entrei na empresa.

Ele era o nosso chefe, mas sempre estabelecemos uma relação mais de amizade do que de trabalho. Ele era muito afetuoso, muito querido com a gente. Sempre me senti em casa lá, como se fosse da família. Ele dava liberdade para que conversássemos bastante. Lembro de ter ido até no casamento dele, que

foi uma festa muito legal e ele convidou todos os colegas.

O Nelson era um adulto com alma de criança. O que eu mais lembro dele era da gargalhada. Estava sempre pronto para dar uma gargalhada, que todo mundo ouvia. Ele era brincalhão. Sabia ser muito sério, mas normalmente estava dando risada. Ele adorava isso. Desde que eu o conheci, ele não mudou muito o jeito dele, foi sempre essa mesma pessoa.

Quando se tratava de ética, ele era muito rígido. Tinha uma seriedade no trabalho, gostava de tudo muito explicado, muito claro, para tomar as decisões. Era muito inteligente, tinha o raciocínio

muito rápido, era perspicaz, percebia as coisas. Podia parecer desligado, mas estava sempre atualizado do que estava acontecendo, gostava de saber das coisas, tentava ler com a lupa dele, estava sempre pra lá e pra cá com aquela lupa. Ele gostava de participar de tudo e era muito ativo, independentemente dessa deficiência de visão. Ele mostrou ser muito guerreiro sobrevivendo e se recuperando do acidente. Nunca vi ele reclamar.

Era um mão de vaca terrível, eu até dizia isso para ele, pois não se tirava uma moedinha da mão dele. Ainda assim, a gente conseguia fazer ele pagar uma torta no aniversário (quem estava de aniver levava a torta, esse era o hábito na empresa). Sabia cuidar muito bem do patrimônio da família. Não mexia em nada que não era

dele, não gostava de confusão, ele fazia o negócio bem feito.

O Nelson era sempre muito correto, não gostava de injustiça. Era um ser humano muito verdadeiro, que lidou com muita coragem o que a vida impôs a ele. Foi modelo de seriedade, senso de ética e de como lidar com as pessoas. Basta ver os filhos dele, que são fruto da educação que os pais deram.

Ele era o chefe mais próximo da gente, estava sempre querendo saber das coisas. Íamos almoçar no restaurante perto do trabalho. Ele gostava de ir para ficar com a turma, essa imagem é a mais marcante que eu tenho dele. Ele ia junto para dar risada.”





Os colegas no casamento de Nelson.  
Abaixo: Eliana recebendo prêmio na Agrimar.





Nilson Pezzi

### **Ele deixou os filhos com um aprendizado muito bom e eu me incluo como filho dele.**

"Iniciei na Agrimar em 1987, lá no prédio velho, na ferrovia. Convivemos desde essa data até 2017, quando completei uns aninhos de Agrimar: 30. E resolvi voltar para casa. Fui um coringa na Agrimar, em 87 entrei como balconista, em 90 comecei a dar uma mão para o seu Nelson na área de compras, era ele quem cuidava dessa parte. Naquela época, não tinha computador, a lista de preços era tudo na borrachinha, tínhamos seis ou sete vendedores, então tinha

que controlar toda a lista de preço dos vendedores, eu e ele que fazíamos esse trabalho. Na sexta-feira era uma maravilha, saímos de lá onze horas, meia-noite, uma hora... sexta-feira era o dia de aprontar as listas.

Em 92, a Agrimar resolveu dividir os setores, eu assumi a parte de compras na área agrícola e o seu Nelson ficou com a parte mais complicada, os defensivos. Eu continuei ajudando ele a fazer as listas de preço, tinha que apagar e escrever a lápis, incluir produtos novos...

O Nelson foi um professor muito bom, hoje agradeço muito por ele, o que eu aprendi foi excelente. Era uma pessoa um pouco

reservada, não era de fazer muito estardalhaço, tinha o jeito dele, não era muito chegado ao povo, eu era mais chegado, mais alegre, extrovertido, mas o seu Nelson sempre foi meio reservadão.

Sempre gostei muito de trabalhar com ele, nunca brigamos, nunca discutimos. Para mim, ele foi um ótimo professor.

Na área de compras, ele era uma das pessoas mais eficientes que eu vi: brigava e lutava pela empresa. O foco na empresa era fundamental, ele lutava pela empresa, vestia a camisa, e com isso, eu fui ficando assim também. Em 98, a empresa ganhou um prêmio para ir à Copa do Mundo da França, seu Nadir não podia ir, seu Nelson não quis ir, então eu fui! Eu trouxe para o Marcos uma camisa da Inglaterra e para o Mauro, uma camisa da França. Eu conheci o Marcos

e o Mauro pequenos, o meu apelido 'Alegrinho' veio deles. Mas o seu Nelson não me chamava assim, ele era muito respeitoso, muito educado, muito sério. O pessoal dizia que era a dupla Nilson e Nelson.

Para os guris, nada foi de mão beijada. 'Tu quer trabalhar na Agrimar, vamos começar lá no depósito', ele dizia. Os guris foram passando por todos os setores e com isso aprenderam a dar valor às coisas. Deixou os filhos com um aprendizado muito bom e eu me incluo como filho dele.

A história mais marcante que tenho com ele é de quando eu tive uns problemas em Vacaria nos anos 2000, que ajudei a montar um restaurante e quase quebrei. Ele chegou a me oferecer dinheiro. Não aceitei, mas ele ofereceu até isso para me ajudar.

Ele foi extremamente

competente, sério no que fazia, justo, correto. A gente ficou quase 30 anos convivendo e hoje agradeço, pois tudo o que eu consegui na vida foi graças a ajuda que ele me deu. Ele deixou um legado para os filhos e para muita gente.

Tive a chance de visitá-lo no hospital e ele ficou muito contente. Quando o seu Nelson faleceu eu perdi um amigo."





Luiz Fernando Mazzotti

### **O que o Nelson dizia, eu podia confiar.**

"Uma das grandes alegrias da minha vida foi trabalhar com esse homem. Pelo caráter dele, conduta e outras coisas que ele me ensinou.

Eu era mais jovem do que ele, estava começando a minha vida de trabalho. E o exemplo desse senhor foi muito importante, ele foi uma pessoa que significou muito para mim. Eu me emociono de o quão importante foi essa pessoa na minha vida.

Ele era um exemplo

de caráter: magnífico, excelente, correto. E exemplo de comerciante também. Ele era comprador, e a venda tem alguns detalhes que definem se ela vai acontecer ou não. E eu aprendi muito com ele sobre como fechar a venda, como me apresentar e me posicionar... eu via como ele fazia e seguia. Eu tinha ele como um exemplo para seguir na vida comercial.

Nós viramos muito amigos. Conversávamos sobre alguns assuntos que se não fosse pela amizade jamais a gente teria conversado. Eu não falaria para ele se não fosse a amizade.

Ele sempre me tratou muito bem, me orientou, me deu muito apoio, me valorizou, foi bem importante.

Deixou toda essa trajetória profissional, mas mais do que isso, o ensinamento de fazer as coisas corretamente. Ele sempre ensinava como fazer para ficar da maneira certa. O que o Nelson dizia, eu podia confiar.

A amizade dele foi uma coisa muito boa que aconteceu na minha vida, poder ter sido amigo dele. Ele sempre foi meu patrão, mas éramos amigos. Ele me chamava de marajá, porque eu vendia relativamente bem e ganhava bem, então ele me chamava assim de brincadeira. Ele era colorado e eu sou gremista, então nos incomodávamos com isso também, brincando.

Tivemos bastante tempo juntos e que tempo maravilhoso.





Volmir Demori

### **O seu Nelson olhava para o mundo de um jeito diferente.**

"Em 1990, entrei na Agrimar como balconista/atendente, e ali conheci o seu Nelson e seu Nadir. Eu interagia muito com o departamento comercial, onde trabalhava o seu Nelson.

Ele sempre foi uma pessoa que refletia muito sobre a área agrícola. Ele era um ponto de referência comercial, foi o meu ponto de referência, porque, além do conhecimento técnico, ainda tinha o conhecimento oriundo do fornecedor.

Ele tinha uma memória fantástica, guardava muito as coisas. O pensamento dele era tão bom que ele lembrava o nome e sobrenome de todo cliente que entrava na loja. Isso era muito especial. E gerava muita credibilidade. As pessoas estavam muito próximas dele. Ele não fazia só o serviço de compras, fazia o relacionamento com os clientes, ia lá na ponta, e isso também marcava. Você marca o cliente quando ouve ele, quando coloca o teu nome à disposição para que as pessoas venham até ti. E ele tinha essas características muito fortes. Ele nunca esqueceu de uma coisa: de estar no front e ouvir o cliente. As pessoas ficavam

muito contentes com isso, era um diferencial. Eu tentei ser assim, lembrar o nome e sobrenome de todos, mas a minha memória não é tão boa quanto a dele.

Ele também conversava muito com todos os fornecedores. Sentava com eles e ouvia o que as pessoas tinham a dizer. Dessa forma, ele conseguia captar e trazer para a empresa ótimos fornecedores, não só de bons produtos, mas com uma parceria de credibilidade, longevidade, personalidade. Ele tinha uma boa habilidade de ouvir, de ver possibilidades de caminhos para o futuro.

O seu Nelson era um cara justo, era um cara que ouvia, tinha sentimento pelas pessoas, conseguia que elas entregassem o seu melhor dentro da empresa. Eu fui crescendo na empresa e ele sempre foi me apoiando.

Sempre entregou muita segurança para as pessoas que estavam ao lado dele, e para mim, não foi diferente.

Ele sabia realmente trabalhar com os outros.. Estava sempre buscando novidades e algo que facilitasse o serviço do agricultor. Preocupava-se em entregar para o agricultor o que era o melhor. Ele se doou muito para esse segmento.

Estava sempre pronto para puxar as pessoas para serem melhores. Sempre teve uma ótima visão em relação a isso. Ajudava todos a crescerem, provocava essa busca de diferencial no mercado. Foram 26 anos de convivência com ele e muitos momentos de crescimento. O seu Nelson olhava para o mundo de um jeito diferente. E ele me ajudou a crescer na vida."



Em uma promoção na Agrimar.





Daniel Teixeira

**Ele tinha certeza que ia dar a volta, não jogou a toalha e não demonstrou tristeza em momento algum.**

“Aos 30 e poucos anos, eu era engenheiro agrônomo e recém tinha voltado a Caxias. Comecei a trabalhar com a Agrimar e foi assim que eu conheci o seu Nelson. Aos poucos, comecei a me aproximar muito dele. Ele era uma pessoa que apostava nos jovens, sempre gostou das pessoas ativas, tinha o prazer de ajudá-las. E eu digo isso porque, provavelmente, fui o primeiro dos jovens que passou por ele, de muitos que ele deve ter ajudado. Ele

orientava, conversava. Era um sujeito muito educado, muito calmo, ponderado. Aquilo era uma coisa nata dele, não tinha interesse nenhum a não ser a amizade. E eu sempre tive ele como um ‘pai profissional’ aqui na região. ‘Se não trouxer o Daniel, não tem negócio’, ele dizia. Ele sempre fazia isso para envolver as pessoas que ele trabalhava junto. Eu era um sujeito urbano e ele me mostrou como era o comportamento do colono. Os colonos gostavam muito dele e ele me ajudou nesse entendimento de como funcionava o mercado.

Outra coisa que a gente se afinou muito, além desse aspecto profissional, é que ele era colorado também. Nós dois

tínhamos a mesma intensidade de 'doença' pelo Inter. Passei anos convidando ele para irmos no Beira Rio, mas ele alegava que não enxergava. 'Seu Nelson, não precisa enxergar, só sentir! O estádio é maravilhoso!', eu dizia. Mas ele nunca foi. Mandou os filhos, também colorados, uma vez. Deviam ter 15 e 13 anos, e o meu filho tinha apenas 3 (cheguei em casa um dia e o guri estava com a farda do Grêmio. Decidi que precisava levar ele ao estádio do Inter e acabar com aquilo). Peguei aquela gurizada e fui para o Beira Rio. Aquilo foi muito marcante. Depois disso, criamos uma 'entidade' chamada Coloradagem, em que a gente se troca ideias sobre o Inter. E o seu Nelson adorava isso.

Profissionalmente, com o tempo, nós acabamos nos afastando, mas a nossa amizade nunca parou. Quando eu tive

que fazer uma operação de quadril, ele ficou a quatro quartos de distância de mim no hospital. E a gente ia se visitar e conversar. Eu tinha que ir fazer minhas caminhadas e passava no quarto dele, horas pegava ele dormindo, horas acordado. Mas o que me impressionou nessa fase foi ele sempre acreditando na vida. Ele tinha certeza que ia dar a volta, não jogou a toalha e não demonstrou tristeza em momento algum nesse período que eu acompanhei ele no hospital. Demonstrava cansaço, mas mentalmente, estava bem confiante. Ele estava lutando. A doença foi mais forte, infelizmente.

Ele era muito gente boa, era um cara puro, não tinha maldade, todo mundo conhecia e adorava ele. Quando sofreu aquele acidente, foi uma comoção geral, mexeu muito com o mercado. Porque ele

recebia muito bem os clientes, as pessoas viam que aquilo era de verdade.

A gente vive num país que se tivesse mais pessoas como o Nelson, seria um país muito diferente. Ele foi uma pessoa excelente. Como todo ser humano, claro, tinha as suas fraquezas. Ele não era assim, o John Lennon, mas foi um sujeito que deixou um legado para a sociedade. Deixou uma família boa que vai tocar o negócio melhor do que se imaginava. Os filhos pegaram uma empresa com dificuldade e estão dando uma afinada no negócio. Eles levam muitas das boas características do pai.

O seu Nelson ajudou a montar a maior empresa do ramo por aqui e essa empresa desenvolveu a região. Se não tivesse existido a Agrimar aqui, essa região agrícola não teria a tecnologia que tem hoje. E o seu Nelson é parte disso."







Sérgio Antônio Serena

**Tinha pessoas que, antes antes de comprar qualquer coisa, tinham que 'chamar o seu Nelson'. O Nelson falou, então estava falado.**

"Ter sido colega e amigo do seu Nelson foi muito bom. Ele esteve sempre presente.

Eu fui funcionário da Agrimar desde 1995, sou engenheiro agrônomo e tinha contato direto com ele, porque ele trabalhava na loja. E ele foi uma pessoa muito bacana comigo.

A gente ficou muito ligado, pelo trabalho e também pela pessoa que ele era, muita amiga, confiável, agradável, companheira. Aquela pessoa que

transmitia amizade.

Trabalhar com o seu Nelson era uma satisfação. Ele tinha conhecimento muito grande do mercado agrícola, do que ele fazia. Além de transmitir confiança, ele era um conhecedor de causa nato, era daquelas pessoas que te dão um norte.

A gente brincava que ele era um computador, um arquivo ambulante. Sempre que precisávamos de informações íamos nele, porque ele tinha poder de memorização muito grande. Se eu falasse com ele sobre um número e fosse conversar de novo daqui a um mês, eu tinha que procurar na agenda. Ele lembrava do número de cabeça. Era uma

pessoa que memorizava. Era até um pouco detalhista demais, às vezes, se pegava em pequenas coisas, mas não no mau sentido. Ele gostava dos detalhes, valorizava isso.

Para o seu Nelson, o valor das coisas não estava direcionado ao valor financeiro. Ele ia vender uma medida de uma sementinha de alface, por exemplo, e tratava com a mesma dedicação e carinho como se estivesse vendendo um trator. O cliente chegava para comprar uma bandeja e ele tratava com a mesma seriedade que tratava quem ia comprar 100 bandejas. Ele era uma referência na loja. Tinha pessoas que, antes de comprar qualquer coisa, tinham que 'chamar o seu Nelson'. O Nelson falou, então estava falado.

Ele era um amigo. Uma pessoa que eu tinha confiança... ele era autêntico. Compreendia o lado da gente sempre, isso era

algo muito dele. Dava atenção a todos, era alguém que, quando tu tinha algo acontecendo fora do trabalho, podia contar para ele, porque ele ouvia, e muitas vezes, auxiliava. Ele dava a possibilidade de contar coisas tuas particulares, dava essa abertura para falar de você, não do seu trabalho. Ele permitia que a gente fosse amigo.

O Nelson deixa como mensagem a honestidade acima de tudo. E também um legado de muito trabalho, a mensagem de que trabalhando se consegue. Ele nunca aceitou ser corrompido, nunca gostou de pessoas que faltassem com a fé. E a gente nota nos filhos a mesma coisa, se eles continuarem essa filosofia, vão se dar bem.

Eu tenho gratidão por ter conhecido ele, tanto quanto por ter sido meu patrão, como por ter sido amigo fora do trabalho."



Ari César Boreli

**Ele nunca foi uma pessoa de querer mostrar autoridade. Mesmo sendo um dos donos, era humilde.**

"Eu entrei em 1998 na Agrimar, como vendedor externo, e uma das pessoas da minha entrevista de emprego foi o seu Nelson. Trabalho na empresa até hoje.

Tive um contato próximo com o Nelson. Um ano depois que eu entrei, ele se acidentou gravemente, teve a visão mais afetada, mas conseguiu voltar a trabalhar conosco.

Trabalhar com ele sempre foi muito agradável, prazeroso. Eu tinha um carinho

muito grande e muito respeito por ele. Da mesma forma, ele sempre me tratou super bem, foi gentil, educado, tínhamos uma ótima relação.

Além da relação profissional, ele era muito humano, era interessante a forma que ele tratava as pessoas: tratava todo mundo bem, não fazia distinção. Nunca foi uma pessoa de querer mostrar autoridade. Mesmo sendo um dos donos, era humilde. Ele fazia muito bem o lado social da empresa.

O Nelson me chamava e conversávamos muito, especialmente sobre sementes. Ele me pedia conselhos, pedia o que eu achava, quando comprar,

quando não comprar, a gente trocava muitas informações sobre isso.

Teve um momento que chegou uma pessoa de fora, um representante da empresa que queria colocar produto novo dentro da Agrimar, e pela confiança que ele tinha em mim, me chamou para ir junto conversar com esse representante para ver o que eu achava. Depois da conversa, ele disse 'Boreli, tu vai fazer favor para mim. Tu vai sair dois dias com esse cara, rodar dois dias com ele no campo, entender os produtos, visitar produtores e depois tu me dá o feedback de o que você achou, se é uma empresa interessante para trabalharmos ou não!'

E assim eu saí com ele dois dias a campo e foi muito positivo. Quando voltei, falei para ele que tinha futuro. E há mais de 10 anos temos essa parceria, uma das mais fortes

que a Agrimar tem no portfólio. Isso me marcou bastante por causa da confiança dele em mim. Eu fiquei com essa lembrança boa.

Além das outras virtudes (trabalhador, humilde, carismático), o Nelson tinha empatia com todo mundo. Eu aprendi muita coisa com ele. Acho que ele deixa como exemplo, sobretudo, a honestidade, a integridade. Isso era uma filosofia de vida dele. Ser uma pessoa honesta e íntegra, com princípios de trabalho. Apesar da limitação de saúde, ele nunca deixava de estar na empresa, chegava cedo sempre.

Era exemplo de humildade com todo mundo. O caráter como ser humano foi o legado importante do Nelson. Ficam apenas exemplos positivos dele. O Nelson marcou muito a minha vida. Senti muito quando ele partiu."



Em treinamentos técnicos da empresa.





Cesar Bissani

**Ele se preocupava muito se as pessoas estavam bem, se as famílias dos funcionários estavam bem, se as famílias dos clientes estavam bem.**

"A partir de 1999, eu comecei a ter contato bem mais próximo com o seu Nelson, trabalhando na empresa de sementes Sakata. Ele cuidava da parte de compras da Agrimar e eu era fornecedor de sementes. Depois que ele melhorou e voltou do acidente, ele passou a se dedicar bastante à essa área, e foi aí que nos aproximamos ainda mais.

Ficamos amigos também. Foi uma relação além da comercial. E no meu caso,

a família do seu Nelson é da mesma comunidade da família da minha mãe, Fagundes Varela. Então a gente também acabava falando dialeto italiano, que não era todos que falavam, até sobre os negócios, o que era engraçado.

O negócio de sementes é algo muito dinâmico, tem as culturas de cada estação, são muitos produtores. O seu Nelson acabou tomando um gosto por isso. E o lema da Sakata é justamente Paixão por Sementes. Ele tinha uma identificação muito grande com isso.

Vários produtores se identificavam com o Nelson, se queriam saber algo sobre sementes pediam por ele,

muitos clientes e funcionários viam nele uma referência para essa área, porque era uma coisa que ele gostava e sabia mesmo. Ele se dedicava muito a isso. Mantinha o estoque sempre em ordem, não deixava que faltasse nem que sobrasse. Sabia a época de cada plantio. Ele gostava muito disso, não era apenas trabalho. Queria saber se os produtores tinham conseguido produzir com qualidade, se informava sobre o mercado, sobre outras regiões do Brasil e da América do Sul.

O seu Nelson era bastante correto, queria as coisas sempre certas e sempre em dia. Gostava de planejamento, que todo mundo fizesse o combinado. Ele era bem humorado também. E no período em que trabalhou apenas com sementes, ficou mais bem humorado ainda.

Quando eu comecei a

minha vida profissional eu era muito novo e vários valores que tanto a Agrimar quanto o Nelson praticavam no dia a dia acabaram servindo na minha formação. Muitos valores que eles tinham eram similares aos japoneses da Sakata. Por exemplo, os cuidados com os mais velhos, fazer as coisas de forma correta, cumprir os planejamentos, cumprir os acordos, ter pontualidade nas entregas das coisa, tratar bem as pessoas, ter coerência nas ações... O italiano e o japonês têm uma diferença grande, no sentido de que o japonês é mais comedido e o italiano é mais impulsivo. A relação das empresas sempre teve muito respeito. O seu Nelson tinha essa identificação conosco, o que fez com que a relação comercial fosse muito positiva e tornou a relação particular prazerosa.

O seu Nelson deixa



como lição o amor pelo trabalho, que hoje é tão raro. E o cuidado com as pessoas. Ele conseguia ter a visão do negócio, mas se preocupava muito se as pessoas estavam bem, se as famílias dos funcionários estavam bem, se as famílias dos clientes estavam bem. Ele conhecia o filho do agricultor, se tinha se formado, casado. Entendia que o negócio é feito de pessoas e se não houver um trato bom com elas, os negócios não vão andar bem.

Ele orientava os produtores, sabia que podia ajudá-los, já que eles precisavam que a semente tivesse sucesso de uma colheita boa. O seu Nelson, no mercado de sementes no Sul do Brasil e no Brasil, foi uma referência. Eu fiquei um tempo trabalhando no Centro do país e até lá as pessoas perguntavam: 'E o seu Nelson, como está?'"



Com presidente da Sakata de 1999, Nelson Shoití Tajiri.





Glacir Monteiro

### **Não parecia que ele era meu chefe. Parecia mais um amigo**

"Eu digo que o seu Nelson tem duas fases, o antes do acidente e o depois do acidente. Acho que depois do acidente, apesar das limitações, ele ficou ainda mais ativo. Mesmo que o acidente tenha deixado ele bastante debilitado, ele nasceu de novo.

Ele não tinha mais como subir e descer uma escada que tinha na Agrimar, e eu trabalhava no andar de cima, no administrativo, então muitas vezes eu levantava e descia a escada com ele. Ele

vinha para falar comigo sobre sementes. Eu dava entrada nas notas e ele vinha conferir. Ele controlava desde a chegada do produto até o final, até o cliente. Cuidava se estava tudo de acordo, era muito dedicado nessa parte, muito correto. O seu Nelson sempre foi meu chefe, eu vou fazer 30 anos de empresa (somando Agrimar e Unyterra). A gente tinha bastante afinidade. Não parecia que ele era meu chefe, na verdade. Porque ele era uma pessoa muito simples, receptivo. Parecia mais um amigo.

Ele sabia cobrar, porque queria as coisas sempre bem feitas, mas ele também sabia vir fazer um lanchinho. Tinha

adoração por biscoito de milho. E ele não podia comer, mas daí ele dizia: 'Bah, mas só um não vai fazer mal'. Mesmo quando ele ficou doente, ele vinha na Unyterra e trazia um pacote de biscoito de milho que ele pedia para a Ilete comprar. Daí ele sentava na nossa sala e dizia: 'Bah, mas vir aqui é triste, porque olha só o que vocês fazem comigo'. Porque nós comprávamos o lanche que ele gostava, né?

Ele não precisava de calculadora, ele fazia o cálculo no papelzinho dele. E o cálculo que ele fazia na mão (usava aquela lupinha dele) dava sempre igual ao meu da máquina. Quando ele queria conferir um custo, ele vinha com essa fórmula já montada e daí a gente acabava descobrindo que eu tinha feito certo, porque o cálculo dele também estava certo. Ele tinha um olhar muito crítico e atento.

Não lembro de ter visto ele bravo nenhuma vez, nunca perdia a paciência.

Era uma pessoa maravilhosa. Não tinha um funcionário que viesse de longe que ele não fosse o avalista. O pessoal vinha de fronteira, vinha de tudo que é lugar, e o avalista quem era? O seu Nelson. E as pessoas são muito gratas por isso, porque ele não se negava.

E isso ele passou para os filhos dele. Que eu conheço há muitos anos! Quando o Mauro começou na Agrimar, eu ajudei ele, quando o Marcos começou, também. E os dois têm o mesmo senso de justiça do pai. A filosofia de não fazer as coisas de qualquer jeito, se vai fazer, faça certo, se errar, conserte. E os meninos começaram como todo mundo que começa um trabalho, recebendo ordens. Os filhos trabalharam em outros lugares

também, até voltar para cá agora. Eu acho que ele deixou eles livres para voltarem diferentes.

O seu Nelson estaria muito feliz de ver os dois tocando a empresa. Especialmente os dois juntos. Se eu estivesse do outro lado e visse meus dois filhos assim, estaria muito feliz. Tenho uma questão de muitos anos, um problema com o meu filho mais velho, então, muitas vezes, eu precisava me ausentar do trabalho, e o seu Nelson sabia. Nunca tivemos problemas na empresa por causa disso. Ele sempre respeitou isso e nunca comentou com as pessoas.

Essa gratidão que eu sinto é uma gratidão eterna. Quando ele partiu foi bem difícil para mim, porque eu fiquei muitos anos convivendo com ele. Eu respeito muito a família, porque eles me acolheram. E quando tu se sente acolhida,

tu se sente parte da família também.

O Nelson era uma pessoa tímida, mas amorosa. Agora, nos últimos anos, os netos eram a vida dele. Ele era uma pessoa muito família. E no ramo profissional, ele tinha essa coisa de trazer as pessoas para perto dele. Ele era uma referência para os clientes, tratava todos igual, não fazia diferenças. O agricultor se arruma para vir à loja. Mas às vezes, ele vem de chinelo. E quantas vezes a gente olhava pela janela e via a pessoa se ajeitando para entrar? O seu Nelson recebia eles lá na porta. Tratava bem qualquer pessoa que fosse. Isso foi uma marca dele."



Comemorando aniversário de empresa e na festa de final de ano da Unytterra.



Fernando Scheifler

## **Nunca vi o seu Nelson bravo com alguém.**

“Conheço o Nelson desde que comecei no grupo, entrei na antiga Agrimar, lá em 1991. Ele era da área de defensivo e sementes. Eu vim desse ramo, trabalhei durante 10 anos na Emater como extensionista rural e fui para a Agrimar para fazer parte do grupo de vendedores de balcão.

Fui conhecendo eles aos poucos. Quando tinha algum problema em uma planta, indicação de semente conversava com

o seu Nelson. Como chefe, ele era um baita cara, muito gente boa. Conversávamos muito, ele sempre queria saber como eu estava, várias vezes combinamos de sair junto para o interior, mas infelizmente, não deu.

O seu Nelson era uma pessoa neutra, ele dava a opinião dele e ao mesmo tempo escutava a dos outros, não te contestava nunca. Se tu dissesse: ‘Seu Nelson, não é assim’, ele concordava. Ele veio de um ramo totalmente diferente, da área de defensivos e sementes, e assumiu uma área de máquinas e implementos na Unyterra. Era um cara que aceitava as ideias e opiniões dos outros.

Ele se dava muito bem com os clientes, tinha um relacionamento muito bom com eles, se ele se deparasse com um cliente na loja ele atendia, anotava o nome e passava para a gente.

Ele sempre brincava comigo 'patrimônio da Unyterra tá chegando na loja'. Era um cara muito brincalhão. Por eu ser alemão, ele falava italiano comigo e eu respondia em italiano. E ele achava isso o máximo. Como que um cara alemão consegue falar italiano? Ele dava risada, sempre foi muito de brincar. Nunca vi o seu Nelson bravo com alguém, de chegar e dizer 'ó tu fez isso, fez aquilo', nunca levei um xingão, em nenhum sentido, estava sempre de boa, estava sempre tudo tranquilo.

Ele sempre mostrou ter um bom caráter, sempre medindo bem o que tinha que fazer, como agir, era um

cara espetacular. Além de ser patrão, era uma amigão da gente, estava sempre junto. Mesmo nos últimos dias que estive doente, ele veio na loja, acompanhou a gente, nossos números, as metas que atingimos. Mesmo debilitado, ele fazia questão de vir.

Podemos nos espelhar nele. O Mauro e Marcos são muito parecidos nesse quesito, transparentes, corretos. Eles copiam muito o pai deles em questão de honestidade, preocupação com a empresa e com os funcionários. Era o sonho dele que o Marcos viesse o quanto antes para cá junto com o Mauro."